

# *O Presidente Negro: raça, natureza e cultura*

*O Presidente Negro: race, nature and nurture*

*O Presidente Negro: raza, naturaleza y cultura*

Recebido em 18-01-2022

Modificado em 08-05-2022

Aceito para publicação em 20-05-2022

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i2.39250>

---

 **Luis Gustavo de Paiva Faria**

Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e graduado em Ciências Sociais pela mesma instituição. Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: [lgpaivafaria@gmail.com](mailto:lgpaivafaria@gmail.com)

164

---

## RESENHA

LOBATO, Monteiro (2020), *O presidente negro*. Chapecó, Ed. UFFS, 205 p.

---

Resumo: *O Presidente Negro* é o único romance de Monteiro Lobato destinado ao público adulto. A edição ora resenhada, publicada em 2020 pela Editora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), toma como texto-fonte a primeira edição, de 1926, publicada pela Companhia Editora Nacional. A presente resenha, de corte histórico-sociológico, compreende o romance de Lobato como uma elaboração literária do contexto histórico, social e científico de fins do século XIX e início do XX, assim como uma representação literária de posições éticas e ideológicas assumidas pelo autor ao longo de sua vida e obra.

Palavras-chave: *O Presidente Negro*; Romance; Monteiro Lobato. Séculos XIX e XX.

---

*O Presidente Negro* é o único romance de Monteiro Lobato destinado ao público adulto, já que o autor dedicou a maior parte sua carreira a obras infantis, sendo considerado um clássico da Literatura Brasileira infanto-juvenil. *O Presidente Negro*, nesse sentido, pode ser classificado como uma obra peculiar na trajetória de Lobato<sup>1</sup>. A edição ora resenhada, publicada em 2020 pela Editora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), toma como texto-fonte a 13ª

---

<sup>1</sup> Para informações biográficas e bibliográficas detalhadas sobre Monteiro Lobato, ver a Apresentação de Pavlosli (2020).



edição, de 1979, publicada pela Editora Brasiliense que, por sua vez, baseia-se na primeira edição, de 1926, publicada pela Companhia Editora Nacional e na publicação original em folhetins, entre setembro e outubro de 1926, no jornal *A Manhã*, com o título *O Choque das Raças* e subtítulo *Romance Americano do ano 2228*. Conforme argumenta Pavloski (2020:12), organizador da recente edição, o romance de Lobato pode ser lido como uma elaboração literária do contexto histórico, social e científico de fins do século XIX e início do XX, assim como uma representação literária de posições éticas e ideológicas assumidas pelo autor ao longo de sua vida e obra.

Em termos históricos, Monteiro Lobato fora um dos diversos intelectuais brasileiros que se pautou em teorias filosóficas e científicas deterministas, aceitas e legitimadas por instituições oficiais e por outros intelectuais, para justificar e embasar posições políticas e ideológicas. Santos (1997:100) apresenta um conjunto de teorias filosófico-científicas que “orientaram a maior parte dos intelectuais brasileiros em suas análises sobre o Brasil”, como o evolucionismo e o darwinismo sociais. Nas palavras de Costa (2006:153), “predomina no debate a visão de que as características fenotípicas, reunidas em classificações raciais, definem a priori as capacidades e possibilidades de desenvolvimento pessoal e social”. Em outras palavras, caracteres compreendidos como biológicos determinariam caracteres sociais e psicológicos. As teorias concebidas naquele contexto histórico partem de uma concepção biológica de raça.

As referidas teorias tinham como *locus* de produção o continente europeu, mas influenciaram os discursos filosóficos, científicos e políticos de intelectuais brasileiros, bem como serviram de legitimação do *status quo* das elites dirigentes antes e após a abolição da escravatura, em 1888 (Costa, 2006:151-152). No entanto, conforme defendem Santos (1997) e Costa (2006), os intelectuais brasileiros não reproduziram de maneira integral as teorias “importadas” do continente europeu; ao contrário, adaptavam-nas à realidade nacional de modo a tornar possível um projeto de “embranquecimento” e, conseqüentemente, o que se entendia por desenvolvimento e evolução para o país. Embasados, na expressão de Costa (2006), pelo racismo científico, intelectuais de múltiplas áreas, como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Nina Rodrigues e o próprio Monteiro Lobato foram influenciados e, a seu modo, adaptaram teorias deterministas à realidade brasileira. Associa-se raça, comportamento e desenvolvimento. A eugenia, como demonstra D’Ávila (2006), foi incorporada por intelectuais e originou instituições; dentre seus membros, está Monteiro Lobato. Na expressão de D’Ávila (2006:52), “o Brasil foi uma nação seduzida pela ideia de que a ciência poderia ser o árbitro final das relações sociais”.

O enredo de *O Presidente Negro* gira em torno da relação entre três personagens: Ayrton Lobo, funcionário da empresa Sá, Pato & Cia.; professor Benson, um misterioso e “sábio” cientista; e sua filha, Miss Jane, aprendiz do pai em assuntos científicos. A trama se desenvolve após Ayrton Lobo sofrer um acidente de carro em uma estrada distante e ser socorrido por Benson e Miss Jane no castelo em que residiam. Ao assumir a posição de confidente de Benson (Capítulo I), este já em seus últimos dias de vida, Ayrton entra em contato com a teoria filosófico-científica e as invenções desenvolvidas pelo professor (Capítulo V). Sua filha, Miss Jane, seria a última pessoa a ter contato com a principal invenção do pai: o *porviroscópio*, com o qual seria possível visualizar acontecimentos do passado e do futuro, simulados a partir da Teoria da Determinação de Benson.

A narrativa se desdobra em duas histórias: (1) as relações entre Ayrton Lobo, professor Benson e Miss Jane e (2) as eleições presidenciais norte-americanas no ano de 2228; ambas são localizadas em espaço e tempo diferentes e conduzidas por diferentes personagens, ainda que uma personagem, Miss Jane, seja quem narre a segunda história a Ayrton Lobo, personificando a figura do guia narrador de um futuro utópico (Giroldo; Santos, 2009:3). Pode-se dizer que as duas histórias são autônomas na construção da narrativa, embora haja um fio condutor comum: a Teoria da Determinação de Benson.

A Teoria da Determinação, materializada pela invenção do *porviroscópio*, é uma explicação filosófica, a partir de “evidências” científicas, para o andamento dos acontecimentos humanos e naturais; essa teoria orienta as possibilidades de desenvolvimento da trama. Nas palavras do professor Benson:

Nessa imagem está toda a minha filosofia; 2 + 2 significa o presente; 4 significa o futuro. Mas, assim que escrevemos o presente 2 + 2, o futuro 4 já está *predeterminando antes que a mão o transforme em presente* lançando-o no papel. Aqui, porém, são tão simples os elementos que o cérebro humano, por si mesmo, ao escrever o 2 + 2, vê imediatamente o futuro 4. Já tudo muda num caso mais complexo, onde em vez de 2 + 2 tenhamos, por exemplo, a Bastilha, Luis 16, Danton, Hobespierre, Marat, o clima de França, o ódio da Inglaterra além Mancha, a herança gaulesa combinada com a herança romana, o bilhão de fatores, em suma, que faziam a França de 89. Embora tudo isso predeterminasse o “quatro” *Napoleão*, esse futuro não poderia ser previsto por nenhum cérebro em virtude da fraqueza do cérebro humano. Pois bem: eu descobri o meio de predeterminar esse futuro - e vê-lo! (Lobato, 2020:49)<sup>2</sup>.

A existência de uma teoria como fio condutor da narrativa literária não foi um recurso pouco utilizado por escritores da segunda metade do século XIX e início do século XX, como Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, e Dostoiévski, em *Crime e Castigo*. A Teoria da Determinação em *O Presidente Negro* é o que permite ao autor conjugar elementos

<sup>2</sup> Na edição ora resenhada, Evanir Pavlovski (org.) manteve “a ortografia original das palavras encontradas na edição de 1926” (Lobato, 2020:25). Todas as citações da obra aqui mobilizadas, portanto, mantêm a grafia de época, com “desvios” em relação aos novos acordos ortográficos da língua portuguesa.

de ficção científica na narrativa, tanto através das invenções tecnológicas quanto através de histórias do “porvir”.

Esses elementos permitem uma história no presente, presume-se que situada no início do século XX, quando começam a se destacar os automóveis como meio de transporte (Capítulo I), e uma no futuro, em 2228, quando o transporte é feito por ondas a rádio (Capítulo XIV). Há uma construção de um tempo futuro através do *porviroscópio*; esse futuro pode ser considerado o elemento da obra que expõe, de maneira privilegiada, as posições ideológicas e a posição histórica e social de seu autor. Como argumentam Giroldo e Santos (2009), o romance de Lobato pode ser encarado a partir do conceito de utopia, com o detalhe de que o futuro utópico é a consolidação da eugenia e do higienismo. Na expressão de Pavloski (2020:19), um “utopismo eugênico”.

A lei Owen [de 2228], como era chamado esse Código da Raça, promoveu a esterilização dos tarados, dos mal-formados mentais, de todos os indivíduos em suma capazes de prejudicar com má prole o futuro da espécie. Só depois da aplicação de tais leis é que foi possível realizar o grandioso programa de seleção que já havia empolgado todos os espíritos. Os admiráveis processos hoje em emprego na criação dos belos cavalos puro-sangue passaram a reger a criação do homem na América (Lobato, 2020:96).

O futuro, em 2228, seria marcado pela “vitória” da Eugenia. A representação do futuro como sendo a aplicação plena da eugenia não é feita ao acaso; ao contrário, essa representação diz muito mais sobre o tempo histórico e as posições do autor do que sobre o futuro propriamente dito. Diferentemente do que Aldous Huxley fez na distopia *Admirável Mundo Novo*, em *O presidente negro* a manipulação científica das relações sociais é tomada como um ideal utópico a ser projetado, ou seja, é apresentada como aspecto positivo. Segundo D’Ávila (2006:52), a eugenia “era a prática de ‘aperfeiçoar’ física e mentalmente a raça humana pela manipulação dos traços genéticos, primeiro por meio de controles sobre o ato e o contexto da procriação”. Diversos trechos da narrativa expõem o elemento eugênico como um ideal utópico para a sociedade do futuro:

O direito de reprodução passou a ser regido pelo Código da Raça, o mais alto monumento da sabedoria humana. Só quem apresentasse a série completa de requisitos que a Eugenia impunha - requisitos que assegurassem a perfeita qualidade dos produtos, é que recebia o ministério da Seleção Artificial o *brevet* de “pai autorizado” (Lobato, 2020:156).

O princípio da Eficiência resolvera todos os problemas materiais dos americanos, como o eugenismo resolvera todos os seus problemas morais. Na operosidade e uniformidade do tipo, aquele povo lembrava a colmeia das abelhas. Quasi não havia distinguir um indivíduo de outro, pois tomar um homem ao acaso era ter nas mãos uma poderosa unidade de eficiência dentro de um admirável tipo de ariano peleavermelhado (Lobato, 2020:113).

Os dois trechos acima descrevem a “vitória” da Eugenia como uma ideologia científica com recorte moral e, mais especificamente, com recorte racial. A manipulação genética visada pela eugenia pretende modificar comportamentos sociais, mas, por estar situada numa sociedade onde a ciência “eugênica” torna-se “o árbitro das relações sociais” (D’Ávila, 2006:52), extrapola o aspecto comportamental para agir não apenas no genótipo, como também no fenótipo. O processo de embranquecimento no ano de 2228 é vislumbrado por Lobato como modificação de características fenotípicas, através de intervenções científicas.

O processo científico de embranquece-los [os negros] aproximava-os dos brancos na cor, embora não lhes alterasse o sangue nem o encarapinhamento dos cabelos. O desencarapinhamento constituía o ideal da raça negra, mas até ali a ciência lutara em vão contra a fatalidade capilar. Se isso se desse, poderia o caso negro entrar por um caminho imprevisto, a perfeita *camouflage* do negro em branco (Lobato, 2020:119).

Esse processo de embranquecimento, ou seja, um problema de relações raciais, é pano de fundo determinante para as eleições presidenciais no ano de 2228, clímax da narrativa. As eleições expõem os grupos sociais mobilizados pela luta do poder. Esses grupos, o eleitorado branco, o eleitorado negro e as elvinistas, eleitorado de mulheres, não são escolhidos ao acaso; ao contrário, também indicam importantes aspectos sobre o contexto histórico em que Monteiro Lobato está inserido.

Os três grupos possuem líderes, respectivamente, o Presidente Kerlog, o candidato Jim Roy e miss Evelyn Astor, líder do grupo elvinista (que é considerado, na obra, uma organização do movimento feminista<sup>3</sup>). Em termos técnicos, pode-se dizer que duas variáveis estavam em jogo nas eleições para o 88º presidente dos Estados Unidos em 2228: raça e gênero. Os três líderes articulavam, estrategicamente, uma coalisão para vencer as eleições, com o detalhe de que apenas o líder negro não era cogitado como um possível vencedor: ele seria o líder determinante que apoiaria os homens brancos ou as mulheres e, com apoio da população negra, um dos líderes daqueles grupos ganhariam a eleição. A coalisão é disputada com estratégias diversas e discursos interessantes são mobilizados por Lobato. A seguinte fala é de Kerlog:

— “O nosso domínio vejo-o ameaçado, se não de ruína, pelo menos de fundas transformações. Avoluma-se a onda negra - e a ela resistiríamos se a cisão elvinista não viesse enfraquecer o nosso peso político. Mas o eleitorado branco está cindido, e agora mais que nunca vai funcionar a massa negra como o fel da balança dos destinos da America. Venceremos, pois o concurso de Roy, embora negaceado para nos extorquir concessões, virá infalivelmente á ultima hora. Imagino com que horror não verá ele os

<sup>3</sup> O feminismo chega a ser mencionado em alguns momentos da obra, e é caracterizado por miss Evelyn Astor, líder do movimento elvinista, da seguinte maneira: “Quando no mundo surgiu o feminismo, toda a gente supôs que a solução do problema da mulher estava em nivela-la ao homem pela cultura e igualdade de direitos. Erro cascudo, demonstrou miss Elvin. A cultura como a criara o homem não se adaptava ao cerebro da mulher, de funcionamento especialissimo e sempre influenciado por certas glandulas misteriosas. Falhou por isso o feminismo. De toda a sua agitação só veio a resultar uma coisa; a feminista, a odiosa mulher-homem, que pensava com ideais de homem, usava colarinhos de homem, conseguindo com isso apenas...” (Lobato, 2020:106).

progressos do sabinismo! Mas devemos de confessar que é precária a situação do nosso partido, com a vida assim dependente da boa vontade de um manhoso líder negro...” (Lobato, 2020:109).

Igualmente, uma fala do discurso de Miss Evelyn Astor:

— “Inimigo comum, sim, prosseguiu miss Astor. Ambas somos suas escravas; mas se a escravização dos teus, Jim, data de séculos, a nossa data de milênios. Caso o poder supremo venha ter às mãos da mulher, o choque se atenuará, porque saberemos ser conciliantes, e haverá enorme economia de sofrimento futuro, se operar-se sem demora a aliança política do elvinismo com o elemento negro. Acresce uma circunstância: os negros são conhecedores dos processos do macho branco e sabem muito bem o que dele podem esperar. Mas desconhecem os processos femininos; dada a contradição de ideias e sentimentos que hoje afasta as sabinas do gorila evoluído, só têm vantagens a esperar da vitória elvinista” (Lobato, 2020:111).

Eis que a decisão de Jim Roy surpreende a todos: o candidato Jim não apoia ninguém, mas indica a si próprio como candidato e, pelo número de habitantes, vence as eleições para 88º presidente dos Estados Unidos. O presidente negro. Seu discurso disputa poder com Kerlog: “— Jim o apagará! Jim manterá presa em cadeia de aço a pantera africana. Ele a domina com os olhos como o soba a dominava no kraal donde a cupidez dos brancos a tirou. Jim é rei!” (Lobato, 2020:146). Nesse momento, emerge o que o livro denominará de “O Choque das Raças”, onde, segunda a interpretação aqui mobilizada, encontra-se o elemento fundamental de compreensão das relações sociais e raciais para Lobato em sua obra.

A seguinte citação de Silvio Romero sintetiza o ideal científico e filosófico que, compreende-se, Lobato utiliza em sua obra:

A distinção e desigualdade das raças humanas é um fato primordial e irreduzível, que todas as cegueiras e todos os sofismas dos interessados não têm força de apagar. É uma formação que vai entroncar-se na biologia e que só ela pode modificar. Essa desigualdade originária, brotada no laboratório imenso da natureza, é bem diferente da outra diversidade, oriundo da política, a distinção das classes sociais (Romero *apud* Costa, 2006:176).

Romero, na citação acima, faz uma distinção fundamental entre fenômenos de duas ordens: da natureza e da cultura; em sua lógica, as duas ordens não se entrecruzam. A instância da natureza não é passível de intervenção humana, enquanto a da cultura é de ordem política, ou seja, eminentemente humana. É possível associar essas premissas aos acontecimentos que ocorrem, de modo fictício, da trama de Lobato, tanto para o grupo de mulheres quanto para o grupo de negros. A vitória de Jim, ou seja, do grupo negro, cria uma cisão no grupo elvinista das mulheres e faz com que a posição “anti-Homo” seja completamente invertida. Isso, no entanto, se dá por uma espécie de “instinto” que conecta homens a mulheres, ou seja, um instinto “natural”. Na fala de uma das ex-seguidoras de Miss Evelyn Astor:

— “Sim, perorou miss Astor, viva o homem! Macho natural ou não, neto do gorila ou não, é ele o nosso marido pela milenar consagração dos fatos. Sempre vivemos ao seu lado, ora escravas, ora deusas, mas como irmãs de peregrinação nesta vida. Peludas que eramos ainda, e lá no fundo das idades já o ajudávamos a afar o machado de sílex com que nos amparou das agressões do *Urso speleus*. Comemos juntos bifés crus de megaterios. Juntos nos derramamos por todos os recantos do globo e conseguimos a dominação hoje absoluta. Juntos subimos aos tronos e juntos fomos lançados às feras do circo. De mãos dadas compusemos á sublime epopeia do amor - poema que principiou com a Vida e só com ela terá fim... O sabino, ainda que existisse, seria um fraco. O raptor valia muito mais do que esse hipotetico bicho marinho, só existente, talvez, na imaginação exaltada da nossa querida miss Elvin...” (Lobato, 2020:136-137).

Se por um lado há uma adesão entre os sexos, por outro, há um choque entre as raças. Algumas falas de Kerlog explicitam isso, e parece estar em jogo um conflito entre uma natureza “humana” e uma natureza “animal”:

— “Não ameaço. Previno lealmente. Vejo em ti uma força demasiado grande para que eu a enfrente com palavras. Estamos face a face não dois homens, sim duas almas raciais arrostadas num duelo decisivo. Não fala neste momento o Presidente Kerlog. Fala o branco de crueldade fria, o mesmo que vos arrancou do kraal, o mesmo que vos torturou nos brigues, o mesmo que vos espezinhou nos algodoais. Como ha razões de estado, Jim, há razões de raça. Razões sobrehumanas, frias como o gelo, cruéis como o tigre, duras como o diamante, implacaveis como o fogo. O sangue não raciocina, como os filosofos. O sangue sidera, qual o raio. Como homem admirete, Jim. Vejo em ti o irmão e sinto o genio. Mas como branco só vejo em ti o inimigo a esmagar...” (Lobato, 2020:147-148).

— [...] O problema transcende a esfera politica e tornase racial. Neste momento não estamos aqui como secretarios de estado e sim como brancos afrontados pelos negros. Acima das leis políticas vejo a lei suprema da Raça Branca. Acima da Constituição vejo o Sangue Ariano. O negro nos desafa. Cumpre-nos aceitar a luva e organizar a guerra” (Lobato, 2020:154).

Fenômenos da ordem da natureza (“sangue”) e da cultura (“política”) determinam a ação, em última instância, dos seres humanos<sup>4</sup>. A raça é determinada pela biologia. Essa concepção guia o desenvolvimento da narrativa. Seu desfecho é curioso, mas nada diferente de uma concepção de época: o conflito entre as raças não é resolvido pela guerra, mas por uma invenção científica (“raio Ômega”) que efetiva o processo de embranquecimento em todos os seus sentidos. Vencera a eugenia. O choque das raças é evitado. O negro torna-se branco.

O choque das raças fôra prevenido, o que valeu por nova vitoria da eugenia. A sociedade, livre de tarados, viu-se no momento do embate isenta dos perturbadores ao molde dos retóricos e fanaticos cujas palavras outrora impeliã as multidões aos peores crimes coletivos. A exasperação branca do primeiro momento breve desapareceu. O bom senso tomou pé e o ariano pôde filosofar com a necessaria calma. A opinião corrente admitia não passar a vitoria negra de um curioso incidente na vida americana. Oriunda de cisão sexual do grupo ariano, fôra golpeada de morte no proprio dia das

<sup>4</sup> A separação entre natureza e cultura foi compreendida pela antropologia social contemporânea, em diálogo com tradições indígenas, como artifício teórico moderno-colonial para produção de cisões entre fenômenos tidos como tipicamente humanos (abrangendo fenômenos sociais, políticos, econômicos, artísticos, etc.) de outros tidos como naturais e, portanto, de domínio das ciências biológicas. Para um debate sobre esse tema, ver Süsskind (2018) e Descola (2015).

eleições pela adesão das sabinas ao Homo. O próximo pleito restabeleceria o ritmo quebrado e do incidente nada restaria no futuro além de um pouco mais de pitoresco na história da América (Lobato, 2020:189-190).

Ainda que se trate de ficção científica, o projeto de embranquecimento populacional não foi e não é fictício. Como demonstra Santos (1997), as elites dirigentes efetivaram, gradativamente, um processo de embranquecimento da população brasileira ocorrido nos fins do século XIX e primeira metade do XX. O movimento negro e as Ciências Sociais, no entanto, passam a advogar pela noção de raça como construção social. O número da população negra no Brasil tem crescido. E nos Estados Unidos, eleito como seu 44º presidente, Barack Obama, o presidente negro. A “utopia eugênica” de Lobato não se cumpre, ao menos integralmente.

## Referências

- COSTA, Sérgio (2006), *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte, Editora da UFMG.
- D'ÁVILA, Jerry (2006), *Diploma de brancura. Política social e racial no Brasil – 1917-1945*. São Paulo, Editora UNESP.
- DESCOLA, Philippe (2015), “Além de natureza e cultura”. *Tessituras*, Pelotas-RS, v. 3, n. 1, pp. 7-33 [Consult. 11-05-2022]. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/5620/4120>
- GIROLDO, Ramiro; SANTOS, Rosana C. Z. (2009), “Transfigurações utópicas em *O Presidente Negro*, de Monteiro Lobato”. *Fronteira Z*, São Paulo. n. 4, pp. 01-07 [Consult. 12-05-2022]. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12469/9041>
- PAVLOSKI, Evanir (2020), “Apresentação”, in M. Lobato, *O presidente negro*. Chapecó, Ed. UFFS, pp. 5-23.
- SANTOS, Sales A. dos (1997), *A formação do mercado de trabalho livre em São Paulo: Tensões Raciais e Marginalização Social*. Brasília: Universidade de Brasília (UnB), Departamento de Sociologia (Sol), Dissertação de Mestrado.
- SÜSSEKIND, Felipe (2018), “Natureza e cultura: sentidos da diversidade”. *INTERSEÇÕES*, Rio de Janeiro. v. 20 n. 1, pp. 236-254 [Consult. 11-05-2022]. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/35915/25635>

---

### Abstract

---

*O Presidente Negro* is the only novel by Monteiro Lobato intended for an adult audience. The reviewed edition, published in 2020 by publisher of the Federal University of Feira de Santana (UFFS), takes as source text the first edition, by 1926, published by Companhia Editora Nacional. This historical-sociological review understands Lobato's novel as a literary elaboration of the historical, social and scientific context of the late 19th and early 20th centuries, as well as a literary representation of ethical and ideological positions taken by the author when throughout his life and work.

Keywords: *O Presidente Negro*; Novel; Monteiro Lobato; 19th and 20th centuries.

---

### Resumen

---

*O Presidente Negro* es la única novela de Monteiro Lobato destinada a un público adulto. La edición revisada, publicada en 2020 por la Editora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), toma como texto fuente la primera edición, de 1926, publicado por la Compañía Editora Nacional. Esta revisión histórico-sociológica entiende la novela de Lobato como una elaboración literaria del contexto histórico, social y científico de finales del siglo XIX y principios del XX, así como una representación literaria de las posiciones éticas e ideológicas adoptadas por el autor cuando a lo largo de su vida y obra.

Palabras clave: *O Presidente Negro*; Novela; Monteiro Lobato; Siglos XIX y XX.

---